

LOUCURA E LITERATURA NO CONTO “A CAÇADA”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Priscila ¹

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise aprofundada sobre a representação da loucura na literatura, um tema complexo e multifacetado que vem recebendo crescente atenção no cenário contemporâneo. Partindo da premissa de que a loucura é um tema sub-representado na literatura, o estudo busca investigar como os escritores abordam essa temática e como ela é construída por meio da linguagem e da narrativa. A obra “A caçada” de Lygia Fagundes Telles é escolhida como objeto de análise devido à sua riqueza temática e estilística. A autora utiliza uma linguagem peculiar e recursos narrativos distintos para explorar a psique humana e os limites entre o real e o imaginário. O conto oferece um terreno fértil para a investigação da loucura, pois apresenta elementos fantásticos e uma atmosfera permeada de ambiguidade e instabilidade. Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa adota uma abordagem investigativa e interpretativa, baseada em fundamentos teóricos que enfatizam as funções da linguagem, a adjetivação e a temporalidade como elementos-chave na construção da noção de loucura na obra literária. A pesquisa se baseia em referencial teórico que aborda as funções da linguagem, a adjetivação e a temporalidade como elementos que conduzem à noção de loucura na obra de Telles. Por meio da análise minuciosa desses aspectos, busca-se compreender como Telles utiliza a linguagem enquanto instrumento para transmitir sensações, emoções e estados psicológicos associados à loucura. Os resultados esperados não apenas contribuirão para um melhor entendimento da representação da loucura na literatura, mas também abrirão espaço para reflexões mais amplas sobre questões relacionadas à saúde mental, estigma social e construção de identidade.

Palavras-chave: Loucura na literatura, Temporalidade, Funções da linguagem, Adjetivação, Saúde mental.

INTRODUÇÃO

Na vasta composição literária, a loucura emerge como um fio, tecido com habilidade e complexidade. Ao longo dos séculos, escritores como Felman (1985), Herrmann (1997) e Porter (1991) têm explorado as profundezas da mente, retratando suas nuances mais obscuras e desconcertantes. Desde os escritos clássicos até as obras contemporâneas, o âmbito literário tem sido um espelho da mente, de maneira que reflete os labirintos da insanidade mental. Entre os antigos gregos, pode-se mencionar a tragédia *Electra*, de Sófocles (1992), pois, ao narrar as ações de Clitemnestra e Electra, que buscam revidar a morte de Agamenon, a peça aborda a linha tênue entre o ser são e o louco, resultante do desejo de vingança. Ainda, autores de diferentes épocas e estilos

¹ Graduanda do Curso de Letras – Português/Inglês da Universidade Federal do Ceará - UFC, priscilaf6556@gmail.com.

têm utilizado a loucura como uma lente poderosa para desvendar questões complexas, como identidade, moralidade e realidade.

Recentemente, diversos estudos têm se debruçado sobre a intersecção entre a razão e a loucura na literatura. Dessa forma, “O alienista”, um dos grandes trabalhos de Machado de Assis (1882), continua significativo, devido ao seu exame perspicaz das normas médicas e sociais, bem como à análise da normalidade e da loucura. Ainda em conexão com o conto machadiano, o artigo intitulado “A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre o Alienista, de Machado de Assis”, de Maria Vanesse Andrade, Aluísio Ferreira de Lima e Maria Elisalene Alves dos Santos, ressalta a busca do protagonista, Dr. Simão Bacamarte, pela compreensão da mente humana e pela definição dos limites da sanidade. Além disso, o artigo explora o contexto histórico e social no qual a obra foi escrita, com destaque para a crítica às instituições sociais.

Nesse sentido, “A Caçada”, de Lygia Fagundes Telles, publicado em 1978 no livro *Mistérios*, discute em peso a tônica proposta. A narrativa acompanha a experiência perturbadora de um homem que visita uma loja de antiguidades e se torna obcecado por uma tapeçaria antiga, que retrata uma cena de caçada. A tapeçaria mostra um caçador prestes a disparar uma seta e um segundo caçador espreitando ao fundo. O protagonista percebe mudanças no tapete, que a proprietária da loja não vê, aumentando sua sensação de familiaridade e *déjà vu*. A obsessão do homem com a tapeçaria transforma sua percepção da realidade, misturando a cena com suas próprias memórias e emoções, levando-o a duvidar de sua sanidade. No clímax, o homem se vê dentro da tapeçaria, confundindo-se com o caçador e a caça, e sente a dor de ser atingido por uma seta. Enfim, o conto termina com o protagonista mergulhado na loucura, incapaz de distinguir entre realidade e ilusão.

A crescente ascensão da temática no cenário contemporâneo evidencia a necessidade de uma análise mais profunda, que considere a forma como a loucura é representada e os mecanismos através dos quais essa representação é construída. A escolha do conto “A Caçada”, de Lygia Fagundes Telles, como objeto de estudo é motivada pela exposição detalhada e original do assunto. A obra se destaca por sua capacidade de explorar a *psique* humana por meio de uma linguagem peculiar e de recursos linguísticos distintos, criando uma atmosfera de ambiguidade e instabilidade. Diante do exposto, o texto é relevante porque incita reflexões sobre a condição humana, especialmente no que diz respeito à percepção dos fatos. Dessa forma, o conto não apenas enriquece a compreensão da loucura na literatura, mas também oferece uma

janela para a *psique* humana, de forma que seu estudo se mostra indispensável para acadêmicos e leitores interessados em explorar a mente e a narrativa literária. Ademais, permite abordagens múltiplas, tornando-se um estudo valioso para diferentes áreas e incentivando a interdisciplinaridade nas análises literárias.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho é investigar como a linguagem e a estrutura narrativa em “A Caçada” contribuem para a construção da noção de loucura. De maneira específica, a pesquisa visa examinar como Telles utiliza a adjetivação, a temporalidade e outras funções da linguagem para transmitir estados psicológicos associados à loucura. Conclui-se que o conto é um exemplo significativo de como a loucura é abordada na literatura, utilizando recursos linguísticos para criar uma atmosfera de confusão e desespero mental. Além disso, o estudo amplifica o debate sobre o tema na produção brasileira e contribui para uma compreensão mais abrangente da representação da loucura na literatura.

METODOLOGIA

Neste artigo, adota-se uma abordagem qualitativa, centrada na análise textual da obra “A Caçada”, de Lygia Fagundes Telles. A metodologia utilizada é descritiva e interpretativa, com o objetivo de compreender como a autora constrói a atmosfera de loucura através de recursos literários. Para isso, foi realizada uma leitura aprofundada e interpretativa do conto, buscando identificar as principais estratégias narrativas e figuras de linguagem, como metáforas e hipérboles, além da construção simbólica da tapeçaria, que reflete a mente perturbada do protagonista. A pesquisa fundamenta-se em uma revisão bibliográfica abrangente, que inclui estudos críticos e teóricos sobre a representação da loucura na literatura. Autores clássicos, como Michel Foucault, são fundamentais para este estudo, especialmente com sua obra *A História da Loucura* (1961), que explora a compreensão da loucura em diferentes contextos históricos. Além disso, foram consultados artigos e teses que discutem a obra de Lygia Fagundes Telles e a presença da loucura em sua literatura. Para facilitar a análise dos textos, utilizou-se o software NVivo, que permitiu a categorização e codificação das passagens relevantes que abordam a loucura e suas manifestações no conto. Essa abordagem metodológica permitiu uma análise detalhada e rigorosa das representações da loucura na obra, contribuindo para um entendimento mais profundo do tema na literatura de Lygia Fagundes Telles.

REFERENCIAL TEÓRICO

As figuras de linguagem são cruciais para enriquecer a expressividade e a estética dos textos, sejam literários ou cotidianos. Esses recursos permitem aos autores transmitir emoções, criar imagens vivas e explorar significados variados, tornando a comunicação mais envolvente e impactante. Câmara Jr. (1991) destaca que figuras de linguagem vão além da gramática tradicional, possibilitando ao autor manipular a língua para criar efeitos específicos e transmitir mensagens de forma mais poderosa e evocativa. Koch (1993) argumenta que essas figuras expandem as possibilidades da língua, promovendo uma expressão mais criativa e eficaz. Segundo ela, esses recursos são essenciais para a coesão textual, conectando ideias e construindo um discurso fluido e coerente. Fiorin (1997) complementa, apontando que figuras de linguagem são fundamentais para o estilo e a voz única de cada autor, conferindo-lhes uma identidade distinta e memorável. Fiorin também observa que o uso hábil dessas figuras pode transformar a escrita, desafiando as expectativas dos leitores e provocando novas interpretações e reflexões mais profundas.

“A Caçada”, de Lygia Fagundes Telles, foca nos elementos literários e linguísticos que evocam a loucura ao longo da narrativa. A construção cuidadosa da história visa criar uma atmosfera de crescente tensão, refletindo a obsessão e paranoia do protagonista. Através da aplicação de figuras de linguagem, como metáforas e personificações, bem como de técnicas narrativas, como o fluxo de consciência e os monólogos interiores, a autora imerge o leitor na mente perturbada do personagem principal. A estrutura sintática fragmentada e o vocabulário evocativo amplificam a sensação de desorientação e medo, enquanto o ambiente claustrofóbico intensifica a opressão. A análise de trechos selecionados revela como Telles emprega esses recursos para oferecer uma representação vívida da loucura, explorando a sanidade humana de maneira profunda. Dessa forma, o conto não só evidencia a maestria literária da autora, mas também enriquece a compreensão das complexas representações da mente humana na literatura.

A adjetivação também é proeminente na obra. Em “A tapeçaria antiga, empoeirada e com cores desbotadas mostrava uma cena de caçada”, os adjetivos “antiga”, “empoeirada” e “desbotadas” descrevem a tapeçaria, criando uma atmosfera de decadência e mistério. No trecho “O homem sentia uma sensação de familiaridade

angustiante”, o adjetivo “angustiante” intensifica a experiência emocional do protagonista. Em “O caçador era uma figura imponente, quase ameaçadora, e a cena da caçada parecia ganhar vida”, os adjetivos “imponente” e “ameaçadora” ressaltam o perigo e a influência perturbadora da tapeçaria. Da mesma forma, “A tapeçaria, com seus detalhes intrincados e sombrios, parecia esconder segredos profundos” utiliza as adjetivações “intrincados” e “sombrios” para sugerir complexidade e mistério.

No conto de Lygia, a temporalidade é evidenciada em trechos como “O tempo passava e a obsessão do homem crescia”, que destaca a passagem do tempo e o aumento da obsessão do protagonista. Outro exemplo encontra-se em “Era um dia comum, mas a visita à loja marcou o início de uma transformação”, em que a referência ao “dia comum” marca o começo de uma mudança significativa. O período “Com o passar das semanas, o protagonista começou a perceber alterações sutis na tapeçaria” indica a progressão temporal, que intensifica a percepção e a obsessão do protagonista. Assim, os trechos mencionados demonstram como Telles usa a temporalidade e a adjetivação para estruturar a narrativa e aprofundar a experiência emocional e psicológica do protagonista, criando uma atmosfera de ambiguidade e instabilidade que caracteriza o conto.

A análise das figuras de linguagem, como metáforas e hipérboles, revela como Lygia Fagundes Telles cria imagens vívidas e transmite significados profundos. A metáfora, que estabelece comparações implícitas, é exemplificada quando o protagonista é descrito como “um lobo solitário em busca de sua presa” ou a floresta como “um labirinto verde de sombras e mistérios”. A hipérbole é usada para intensificar emoções, por exemplo, quando a angústia de Paulo é descrita como “um grito silencioso que reverberava em cada célula de seu corpo” ou seu coração batendo “tão rápido que parecia prestes a explodir”. Esses exemplos mostram como Telles enriquece a narrativa e explora temas complexos, utilizando metáforas e hipérboles para criar uma experiência de leitura profunda e impactante. A análise dessas figuras de linguagem destaca a relevância da obra na literatura brasileira contemporânea e oferece uma compreensão mais apurada da condição humana por meio dos recursos estilísticos da autora.

A técnica do fluxo de consciência permite uma imersão profunda na mente do protagonista, revelando pensamentos fragmentados e percepções distorcidas. Combinada com os monólogos interiores, essa técnica proporciona uma visão íntima dos conflitos internos e emoções intensas do personagem, destacando a linha tênue entre

realidade e fantasia. A linguagem rica e evocativa de Telles, por meio de metáforas e símiles, ilustra as percepções distorcidas, permitindo ao leitor vivenciar a confusão mental e a percepção alterada do protagonista, e criando uma atmosfera de desordem e instabilidade. A personificação dos elementos ambientais intensifica a sensação de perseguição e desespero, enquanto a estrutura sintática fragmentada e repetitiva reflete a turbulência mental do personagem.

Para ilustrar a tese de que a autora utiliza técnicas literárias e linguísticas sofisticadas para criar uma atmosfera de loucura, é essencial apresentar trechos específicos da obra. Esses trechos serão analisados para destacar como Telles usa figuras de linguagem, técnicas narrativas e estrutura sintática para criar uma sensação de desorientação e paranoia, refletindo a instabilidade mental do protagonista.

Trecho 1:

"O caçador de barba encaracolada parecia sorrir perversamente embaçado. Teria sido esse caçador? Ou o companheiro lá adiante, o homem sem cara espiando por entre as árvores? Uma personagem de tapeçaria. Mas qual?." (Telles, 2009, p. 69).

Nesse trecho, a metáfora das sombras que se alongam e dos sons ameaçadores da floresta são usadas para representar a crescente paranoia do protagonista. A sensação de ser observado, "o homem sem cara espiando entre as árvores" sugere a percepção distorcida da realidade, um sintoma clássico da loucura. A ambientação opressiva e a descrição sensorial rica contribuem para a construção de uma atmosfera de medo e desorientação.

Trecho 2:

"E se tivesse sido o pintor que fez o quadro? Quase todas as antigas tapeçarias eram reproduções de quadros, pois não eram? Pintara o quadro original e por isso podia reproduzir, de olhos fechados, toda a cena nas suas minúcias: o contorno das árvores, o céu sombrio, o caçador de barba esgrouinhada, só músculos e nervos apontando para a touceira... "Mas se detesto caçadas! Por que tenho que estar aí dentro?". (Telles, 2009, p. 70).

Aqui, a técnica do fluxo de consciência é evidente. A estrutura sintática fragmentada e os pensamentos desconexos refletem a confusão mental do protagonista. A urgência de escapar "de algo que não conseguia nomear" simboliza a luta interna e a incapacidade de compreender a própria obsessão. O ritmo da narrativa, com frases curtas e pulsantes, espelha o ritmo acelerado do coração e a mente perturbada do personagem.

Trecho 3:

"Saiu de cabeça baixa, as mãos cerradas no fundo dos bolsos. Parou meio ofegante na esquina. Sentiu o corpo moído, as pálpebras pesadas. E se fosse dormir? Mas sabia que não poderia dormir, desde já sentia a insônia a segui-lo na mesma marcação da sua sombra. Levantou a gola do paletó. Era real esse frio? Ou a lembrança do frio da tapeçaria? 'Que loucura!... E não estou louco', concluiu num sorriso desamparado." (Telles, 2009, p.70).

No trecho em que o protagonista de "A Caçada" se sente "moído" e com "pálpebras pesadas", fica evidente o impacto de seu estado mental perturbado na sua condição física. Ele percebe a insônia como uma presença constante, comparando-a a uma "sombra" que o segue, e questiona se o frio que sente é real ou apenas uma recordação da tapeçaria. Essa confusão entre o real e o imaginado reflete sua desrealização e dificuldade em distinguir entre o que é concreto e o que é uma projeção de sua mente perturbada. Seu sorriso "desamparado" e a conclusão de que "não estou louco" mostram sua tentativa desesperada de se ancorar à sanidade, mesmo enquanto sua percepção da realidade se desintegra. Essa luta interna, marcada pela sensação de desorientação e desamparo, ilustra de forma clara o estado de loucura do protagonista.

Trecho 4:

"A voz tremida da velha parecia vir de dentro do travesseiro, uma voz sem corpo, metida em chinelas de lã: 'Que seta? Não estou vendo nenhuma seta...! Misturando-se à voz, veio vindo o murmurejo das traças em meio de risadinhas". (Telles, 2009, p. 71).

O uso da risada histérica e do murmúrio das traças, combinado com a sensação de estar preso na tapeçaria, cria um clima de terror psicológico e confusão para o sujeito. A personificação das traças e o efeito das "risadinhas" contribuem para a atmosfera opressiva e a sensação de que o ambiente está vivo e ameaçador. Através desses trechos, fica evidente como Lygia Fagundes Telles utiliza recursos literários e linguísticos para construir a atmosfera de loucura em "A Caçada".

As metáforas, personificações, estrutura sintática fragmentada e a técnica do fluxo de consciência são eficazes em criar uma representação vívida e perturbadora da instabilidade mental do protagonista. Essa análise não só aprofunda a compreensão da obra de Lygia, mas também contribui para o estudo mais amplo da representação da saúde mental na literatura, mostrando como a linguagem e a narrativa podem refletir a complexidade da psique humana. Finalmente, a justaposição de momentos de aparente normalidade com episódios de intensa irracionalidade acentua o contraste entre sanidade e loucura, submergindo o leitor na instabilidade emocional do protagonista. Esses aspectos combinados resultam em uma representação vívida e perturbadora da loucura,

demonstrando a habilidade de Lygia Fagundes Telles em explorar profundamente os limites da sanidade humana através de sua escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar a obra “A Caçada”, de Lygia Fagundes Telles, foi encontrado um uso intencional das formas de linguagem e dos aspectos linguísticos. Lygia utiliza uma combinação de linguagem direta e expressiva, enriquecida por figuras de linguagem, para criar uma narrativa envolvente e emocionalmente carregada. Esses recursos linguísticos contribuem para a construção de personagens complexos e para a atmosfera tensa da obra, revelando a maestria da autora em manipular a linguagem para explorar temas profundos e universais.

As figuras de linguagem em “A Caçada” mostraram que Lygia Fagundes Telles emprega metáforas e hipérboles de maneira eficaz para intensificar a experiência narrativa. As metáforas são usadas para criar imagens simbólicas que refletem o estado emocional e psicológico dos personagens, enquanto as hipérboles amplificam sentimentos e situações, destacando a intensidade das emoções e dos eventos. Esses recursos não só enriquecem a narrativa, mas também permitem uma exploração mais profunda dos temas centrais da obra, como a loucura e o isolamento. A investigação revelou que as metáforas em “A Caçada” funcionam como ferramentas poderosas para descrever as transformações internas dos personagens e a complexidade de seus estados mentais.

Por exemplo, a comparação do protagonista com “um lobo solitário” sugere sua progressiva alienação e perda de controle racional. As hipérboles, por sua vez, intensificam a percepção do desespero e da tensão, exemplificadas pela descrição exagerada da angústia e do medo dos personagens. Esses fatos demonstram como Lygia utiliza as figuras de linguagem para aprofundar a caracterização e intensificar a carga emocional da obra.

A importância desse olhar analítico sobre a obra reside na capacidade de revelar como Lygia Fagundes Telles utiliza a linguagem de forma estratégica para explorar e comunicar temas complexos. No contexto da pesquisa, essa análise detalhada contribui para uma compreensão mais profunda da obra e da técnica literária da autora. Para os conhecimentos linguísticos, oferece exemplos concretos de como as figuras de linguagem podem ser empregadas para enriquecer a narrativa. No âmbito educacional,

essa abordagem pode ser aplicada no ensino da literatura, ajudando os alunos a desenvolver habilidades críticas de leitura e análise, e promovendo uma apreciação mais rica e sofisticada da literatura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais do estudo sobre “A Caçada”, de Lygia Fagundes Telles, destacam a relevância das figuras de linguagem, especificamente metáforas e hipérboles, na construção da narrativa e na exploração dos temas abordados pela autora.

A análise revelou que Lygia Fagundes Telles utiliza metáforas para criar imagens vívidas e transmitir significados profundos, enriquecendo a descrição dos personagens e cenários. Exemplos tais quais a descrição do protagonista como “um lobo solitário” e a floresta como “um labirinto verde de sombras e mistérios” mostram como a autora emprega metáforas para explorar a complexidade emocional e psicológica dos personagens, bem como para intensificar a atmosfera da narrativa. Além disso, a hipérbole é empregada para intensificar as emoções e situações extremas, proporcionando um impacto mais profundo no leitor. As descrições exageradas da angústia e do desespero dos personagens, como o “grito silencioso” e o coração que “parecia prestes a explodir”, destacam a capacidade de Lygia para amplificar a experiência emocional e criar uma conexão mais visceral entre o leitor e a narrativa.

Essas figuras de linguagem não apenas enriquecem a escrita de Lygia, mas também oferecem *insights* valiosos sobre a representação da loucura e a complexidade dos estados mentais dos personagens. O estudo destaca a maestria da autora em manipular a linguagem para explorar temas profundos, criando uma narrativa que é, ao mesmo tempo, esteticamente rica e emocionalmente envolvente. A análise das figuras de linguagem em “A Caçada” contribui para uma compreensão mais profunda da obra de Lygia Fagundes Telles e oferece ferramentas analíticas para futuros estudos sobre a representação da saúde mental na literatura. Ao iluminar a forma como a autora utiliza metáforas e hipérboles, o estudo enriquece a crítica literária e promove uma apreciação mais ampla da capacidade da literatura de refletir e explorar a condição humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Vanesse; LIMA, Alúcio Ferreira de; SANTOS, Maria Elisalene

Alves dos. A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre O Alienista, de Machado de Assis. **Revista Psicologia e Saúde** [online], v. 6, n. 1, p. 37-47, 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v6n1/v6n1a06.pdf>. Acesso em 10 ago. 2024.

ASSIS, Machado de. O alienista. In: ASSIS, Machado de (Org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Garnier, 1882.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

FELMAN, S. **Writing and Madness: Literature, Philosophy, Psychoanalysis**. Palo Alto, California: Stanford University Press, 1985.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 1997.

FOUCAULT, M. **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris: Gallimard, 1961.

HERRMANN, H. **The anatomy of madness: Essays in the history of psychiatry**. New York: Tavistock Publications Ltd., 1997.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1993.

PORTER, R. **Madness: A brief history**. New York: Oxford University Press, 1991.

SÓFOCLES. **Electra**. São Paulo: Penguin Classics, 1992.

TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do Baile Verde: contos**/ Lygia Fagundes Telles; posfácio de Antônio Dimas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009..